

A questão imigratória na França: insurreição nos *banlieues*, controle, vigilância e violência

Fernanda Bizzo¹

Resumo: O artigo tem por objetivo problematizar as políticas empregadas na criação dos *banlieues* e as especificidades em torno do seu uso, a partir dos motins de 2005, que demonstraram a resistência de imigrantes perante o controle estatal. Além disso, o trabalho traça uma crítica acerca da utilização desses bairros como forma de “prisões a céu-aberto”, utilizadas juntamente com técnicas de vigilância e controle com o objetivo de excluir uma população considerada indesejável do restante da população francesa.

Palavras-chave: *Banlieue*; Imigrantes; Motins; França; Vigilância.

Abstract: This article aims to discuss the policies used in the formation of the *banlieues* and the specificities surrounding their usage, from the 2005 riots, that demonstrated immigrant resistance against state control. In addition, a critical analysis is outlined due to the use of these neighborhoods as “open-air prisons”, that together with control and monitoring techniques have the objective to exclude certain individuals considered undesired by the rest of the French population.

Keywords: *Banlieue*, Immigrants, Riots, France, Monitoring.

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade Santa Marcelina, Mestranda em Ciências Sociais na PUC-SP. E-mail: fernandacarmobizzo@gmail.com

Introdução

Há alguns anos a França tem presenciado muitos atos de violência em seus subúrbios, com destaque para os protestos da população que habita os locais da cidade conhecidos como *banlieues*², majoritariamente composta por imigrantes advindos de ex-colônias francesas. É possível citar também acontecimentos mais recentes, como o ataque ao *Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015, e os ataques do dia 13 de novembro em diversos pontos da cidade de Paris, como a casa de shows *Bataclan*, que colocaram novamente em questão a situação vivida pelos imigrantes na França e sua luta no passado recente em busca de um espaço na sociedade francesa. Essa é uma conjuntura na qual está inserida a Europa em geral, que vive um grande embate em relação ao acolhimento de imigrantes, sobretudo com a grande massa de imigração dos países do Oriente Médio e África.

Esses protestos tiveram seu ápice com o estouro dos motins em 2005, como forma de reivindicação da população imigrante a direitos que o Estado francês deveria fornecer. Além disso, com a crise econômica na Europa, iniciada em 2008, as dificuldades sociais se agravaram, surgindo mais motivos para manifestações. No entanto, os elementos que permeiam essas manifestações não vêm de hoje. As problemáticas encontradas nos *banlieues* surgiram com sua criação, que tinha como objetivo acolher imigrantes advindos de ex-colônias francesas. Atualmente, com alguns dos recentes acontecimentos, pode-se verificar a continuação desses protestos e da insatisfação generalizada, atrelada, sobretudo, ao problema de má integração dos imigrantes na sociedade francesa.

Não é de hoje que o país vive um grande embate relativo à xenofobia, presente nas leis de imigração, assim como na cultura local, que tende a rejeitar os imigrantes (aqueles que habitam maciçamente os *banlieues*). O governo anterior de Nicolas Sarkozy (2007-2012) aprovou diversas normativas que limitaram a entrada de imigrantes, e criou uma lei que baniou o uso do véu pelas mulheres muçulmanas, por sua vez também originárias, majoritariamente, de ex-colônias francesas. Além disso, ao se deparar com o surgimento dos émeutes (manifestações) nos *banlieues*, o governo decidiu que a melhor medida a adotar seria a repressão policial e, assim, reforçou a presença do sistema de segurança nessas zonas. É em face a estes conflitos que surge a problemática deste artigo, que

² *Banlieue* é o nome dado ao subúrbio francês caracterizado pela concentração de parques habitacionais de baixo custo (Habitações de Aluguel Moderado) dedicado a uma população majoritariamente pobre e imigrante, em regiões periféricas.

pretende analisar não somente as especificidades em torno das criação dos *banlieues*, mas também traçar uma crítica quanto ao aparato de violência e as formas de vigilância instauradas para o combate das manifestações que estouraram em 2005, bem como o redimensionamento delas em uma série de acontecimentos posteriores.

A Política da Cidade e formulação dos *banlieues*

Para compreender a mudança que ocorreu na formulação das políticas dos *banlieues* e como estas caracterizam a atual conjuntura francesa, recorreremos, para esta análise, às discussões propostas por Jacques Donzelot (2006). A tese central de Donzelot, em sua análise sobre a crise nos *banlieues*, defende a necessidade de mudar a política da cidade para uma política *para* a cidade. Para o autor, a questão dos *banlieues* depende da relação entre o conteúdo urbano e o conteúdo social. O conteúdo urbano está relacionado à parte da infraestrutura da cidade e aos recursos disponíveis ao cidadão, ou seja, diz respeito à dimensão da *urbe*. Por outro lado, o conteúdo social trata da inserção e do papel que o indivíduo desempenha na sociedade, ou seja, diz respeito à dimensão da *polis*. Uma política *para* a cidade deve levar em consideração essas duas dimensões, humana e infraestrutura, a primeira herança da *polis* grega e, a segunda, da *urbe* romana, como traços constitutivos e combinados na formação da cidade moderna.

Ao desenvolver seu argumento, o autor faz uma análise da questão urbana desde o século XIX, quando as problemáticas da sociedade começam a emergir nos termos de uma questão social. As cidades sofreram uma transformação do que eram na época medieval, ou seja, passaram de um lugar protegido de toda insegurança que poderia ser ocasionada na periferia para um:

[...] espaço central da sociedade, aquele onde se concentra o sofrimento social, aquele onde ela se exprime de todas as maneiras possíveis, individualmente através do crime, coletivamente pelo protesto, a revolta, o distúrbio e depois a insurreição. (DONZELOT, 2006, p. 36, tradução nossa).

Neste sentido, a cidade se torna o oposto do que era. De um espaço seguro protegido por muros, ela passa a ser uma gigantesca cena de confrontos e conflitos entre cidadãos, e destes com as autoridades. Na realidade, a cidade acaba sofrendo com aquilo que ela mesma criou, pois ela faz parte de um complexo de elementos que proporcionaram o crescimento da riqueza da burguesia e o aumento da pobreza na periferia. Ela sofre, portanto, as consequências deste processo de desenvolvimento econômico e acirramento

das assimetrias sociais.

Como afirma Michel Foucault (2008), as cidades no século XVIII e XIX tinham certas características que não permitiam a livre circulação de pessoas e bens e a expansão da economia. Ela era:

[...] essencialmente caracterizada por uma especificidade jurídica e administrativa que a isolava ou a marcava de uma maneira bastante singular em relação às outras extensões e espaços do território. Em segundo lugar, a cidade se caracterizava por um encerramento dentro de um espaço murado e denso, no qual a função militar nem de longe era a única. E, por fim, ela se caracterizava por uma heterogeneidade econômica e social muito acentuada em relação ao campo. (FOUCAULT, 2008, p. 17).

No entanto, com a expansão do processo capitalista torna-se necessária a derrubada dos muros para permitir uma circulação maior de pessoas, mercadorias e capitais. Essa formatação da cidade irá causar novas ameaças, pois já não se pode mais controlar tudo que entra e sai daquele espaço, inclusive as circulações indesejáveis. Essas ameaças fazem com que o Estado crie novos dispositivos de controle que permitirão assegurar que as pessoas, por exemplo, só circulem onde elas não causarão inseguranças ao restante da população. O caso da Habitação de Aluguel Moderado, tipo de moradia dedicada a indivíduos de baixa renda, construídos exclusivamente nos *banlieues*, podem ser inseridos como um exemplo desse dispositivo que tem por objetivo disciplinar. Ou seja:

[...] nesse esquema simples, encontramos exatamente o tratamento disciplinar das multiplicidades no espaço, isto é, [a] constituição de um espaço vazio e fechado, no interior do qual vão ser construídas multiplicidades artificiais organizadas de acordo com o tríplice princípio da hierarquização, da comunicação exata das relações de poder e dos efeitos funcionais específicos dessa distribuição, por exemplo, assegurar o comércio, assegurar a moradia, etc. (FOUCAULT, 2008, p. 23).

De acordo com Donzelot (2006), com a transformação das cidades surgem duas vertentes da questão social: a proteção social do indivíduo e a defesa da sociedade contra o indivíduo. A primeira trata dos problemas que os trabalhadores podem enfrentar, como a doença e a velhice, que poderiam impedi-los de trabalhar e que dizem respeito aos cuidados com a vida, a saúde e as garantias previdenciárias do cidadão. Assim, é preciso achar uma remuneração substituta para que essas dificuldades não gerem motivações para protestos e para, assim, garantir o suposto bem-estar do cidadão, sua proteção.

A segunda vertente trata da identificação do indivíduo considerado perigoso antes que ele pratique algum crime, visando proteger a sociedade contra ele, o que diz respeito

aos cuidados com o Estado, com a segurança da sociedade e atos que possam atacar a ordem pública. Essa prática baseia-se, segundo Donzelot, na teoria de Enrico Ferri, que estabeleceu formas de identificar comportamentos e traços que possam indicar que um indivíduo possa vir a praticar atos criminosos. Isso acontecerá também com o combate às doenças contagiosas, fazendo com que os jovens sejam testados nas escolas através de exames.

Estes dois eixos representam duas faces inversas do social: a proteção estatutária e o controle normalizador. As habitações sociais são ilustrações disso, já que representam uma forma de moradia “digna” ao indivíduo e ao mesmo tempo permitem ao Estado controlá-lo. No entanto, para o autor, a construção dessas habitações constitui não apenas uma forma de modernizar a sociedade pelo urbano, como também a formação de uma “antcidade”. Isso se deve ao fato das Habitações de Aluguel Moderado não serem construídas para os pobres, mas para todos os assalariados. É por isso que não se trata mais de uma questão apenas social, mas urbana, pois existe uma tentativa de inclusão do indivíduo através da modernização da cidade. Essa questão urbana transforma, a partir dos anos 1970, as Habitações de Aluguel Moderado em uma rejeição dos pobres e das minorias.

A esse conceito de “antcidade” podemos trazer uma discussão feita por Acácio Augusto (2011), a partir das análises de Murray Bookchin, no qual o autor discorrerá acerca da transformação da *polis* (cidade) em *urbe*. No modelo industrial ocorre essa mudança e a população passa a não mais deter o poder da organização da sua *polis*. Surge, então, nos anos 1960, uma necessidade da participação popular na cidade, lutas que buscam retomar o sentido da cidade como comunidade política dos homens, ao estilo da *polis* grega. Os indivíduos sentem uma necessidade de poder governar a si próprios. É preciso que esses adquiram autonomia sobre a administração da cidade.

Essa proposta de Bookchin, analisada por Augusto, traz uma ideia de comunalismo, ou seja, uma nova organização onde os indivíduos têm mais liberdade e não estão sujeitos às ordens do Estado. Existe, de fato, uma necessidade de que os cidadãos retomem sua atividade política e que não a deixem nas mãos dos governantes. A criação dos *banlieues* e, dentro destes, das Habitações de Aluguel Moderado, é a personificação da *urbe* e vai em sentido oposto a *polis*.

As classes médias que residiam nessas Habitações de Aluguel Moderado contraem um poder aquisitivo maior e acabam partindo para outros locais de moradias mais sofisticadas. Isso fez com que as Habitações de Aluguel Moderado se tornassem

uma rejeição aos pobres, onde apenas eles habitavam, de forma a excluí-los do restante da sociedade.

Após esse processo de rejeição, fruto da fuga das classes médias das Habitações de Aluguel Moderado, uma parte da população passou por um processo de rurbanização³ e de gentrificação. O primeiro se refere àqueles que saem das Habitações de Aluguel Moderado à procura de moradias individuais próximas à natureza. Já o segundo é o nome dado a uma transformação de antigos bairros para atrair uma população com maior poder aquisitivo, que através da gentrificação criará uma área seletiva e eletiva. É por isso que o autor defende a ideia de é necessário tratar de um problema urbano ao invés de social, pois as transformações nas cidades geram um conflito entre ricos e pobres conforme os pobres começam a se aproximar dos centros.

A crise nos *banlieues* ilustra, portanto, a raiva de uma juventude que se sente privada do seu futuro e que quer mostrar, à sua maneira, que ela não está sendo enganada e que não aceita um tratamento de menosprezo, como, por exemplo, ser tratada pelo termo “*racaille*”⁴. Em uma tentativa de consertar esses problemas aqui expostos, o relatório Dubedout⁵ instaura uma política da cidade. Ao mesmo tempo, ao associar a questão urbana ao problema da imigração, relaciona uma questão local com políticas internacionais.

A política da cidade se constitui em três esferas diferentes: desenvolvimento social dos bairros, diversificação social da sua população e contratualização. Além disso, a política da cidade contou com um programa que abordava três pontos diferentes: os agentes, as pessoas e o lugar.

O primeiro ponto objetiva trazer para os bairros investimento financeiro e de tecnologias para que a vida social possa florescer. É uma tentativa de incentivar uma vida associativa dos habitantes para que eles passem a cuidar e investir no bairro onde moram. As políticas inclinadas aos agentes, o segundo ponto, são uma forma de incentivo às empresas para que essas venham se instalar nas periferias, através da diminuição dos impostos, dentre outros benefícios. Esse tratamento é o princípio da discriminação

³ Rurbanização é o processo de transformação das atividades desenvolvidas nas áreas rurais. Integração entre rurais e urbanos.

⁴ *Racaille* em português quer dizer escória. Nicolas Sarkozy, enquanto Ministro do Interior teria chamado os jovens habitantes dos *banlieues* por esse nome em seu discurso na cidade de Argenteuil, no dia 25 de Outubro de 2005, dois dias antes do estouro dos motins. Disponível em: <http://www.saphirnews.com/Sarkozy-en-banlieue_a6538.html> Acesso em: 01 out. 2014.

⁵ O relatório Dubedout (1982) foi um dos documentos redigidos nos anos 1980 durante a formulação da política da cidade. Este tinha como lema “ juntos, refazer a cidade”.

positiva, ou seja, tratar distintamente aqueles que têm uma situação diferente da maior parte da sociedade. No caso francês, isso não se faz diretamente ao indivíduo, mas através de medidas como a mencionada acima. O último aspecto diz respeito aos *banlieues* em seu estado físico. Sendo assim, houve uma tentativa de demolição ou de renovação desses prédios para tirar a imagem de uma habitação direcionada aos pobres.

Como se pode ver, todo tipo de projeto pensado para a melhoria dos *banlieues* tem por objetivo mudar a imagem que as pessoas têm destas periferias e qualificar seus habitantes para que não se sintam desiguais perante o resto da sociedade. Também é preciso ressaltar a implementação da ideia da mistura social, a qual ainda permanece atualmente. Instaurada através do relatório Dubedout, tinha por objetivo diversificar, progressivamente, a composição social dos bairros. A ideia parte do seguinte pressuposto:

[...] se os habitantes desses bairros ficam estagnados, é precisamente porque eles permanecem entre si, isolados, relegados, vítimas da “cultura da pobreza” que ocorre entre as pessoas submetidas às mesmas desvantagens. Essa cultura os desencoraja de lutar para melhorar sua situação, ela os leva na verdade a obter os melhores recursos desta situação, e faz dessa dependência uma forma de viver, deixando de existir. (DONZELOT, 2006, p. 80, tradução nossa).

A mistura social acontece, portanto, apoiada por uma lei que exige das cidades com mais de duzentos mil habitantes programas de Habitações de Aluguel Moderado. É preciso entender, no entanto, que essa política para a cidade não procura uma coesão social, mas sim uma organização em prol da indústria. Nesse sentido,

Ela separa as tarefas na cidade como separamos na organização da produção. [...] ela constituiria uma outra face do que a atual e consensual filosofia da cidade, organizada ao redor da ideia da mistura social, que fora predefinida. (DONZELOT, 2006, p. 85, tradução nossa)

Após esta análise o autor nos propõe outra perspectiva, o que ele chama de uma *política para a cidade*. Para ele, é preciso facilitar a mobilidade dos habitantes, ao invés de impor uma mistura social, aumentar o poder aquisitivo destes e reunificar a cidade através da democratização. O primeiro viés trata, mais especificamente, de proporcionar aos indivíduos um maior poder sobre suas próprias vidas nas cidades e nos bairros. Ou seja, os cidadãos precisam ter mais poder de decisão sobre os diferentes temas de suas vidas, relativos, também, à moradia. A última esfera trata da forma como os governantes abordam cada caso específico, que, de forma geral, há uma imposição pelo governo federal, os quais não estão preocupados em analisar o caso específico dessas “cités”. É de fato um governo que se efetiva de longe. A proposta de Donzelot pretende:

[...] formular tudo de outra forma a lei relativa à intermunicipalidade. Essa não mobiliza só um único dos dois eixos de uma lógica de recompensa

e de sanção. Numa boa inteligência do governo a distância não deveria se privar da possibilidade de sancionar a lógica dos grupos intermunicipais ricos, estipulando assim que as transferências financeiras, assim como as prerrogativas que se encontram atualmente nas mãos dos conselhos gerais ou regionais, mas que é de interesse dos eleitos urbanos, não lhes será acordada, a não ser de forma primeiramente proporcional à natureza socialmente mista das alianças comunais e da sua decisão de eleger os conselhos de aglomeração ao sufrágio universal em seguida. Se for para fazer na lógica utilitarista, melhor que seja feita de forma coerente. (DONZELOT, 2006, p. 169, tradução nossa).

Através da análise da formulação da sociedade e de sua transformação, proposta pelos atores acima, pode-se verificar como a interferência do Estado na estrutura dela a torna um locus de desigualdades perante seus habitantes. Ou seja, as repartições estruturais e físicas realizadas pelo Estado, assim como seus mecanismos de separação, como é o caso da gentrificação, fazem com que os indivíduos sejam separados de acordo com suas classes sociais e com que suas diferenças se tornem ainda mais evidentes. Tudo isso em prol da segurança dessa mesma sociedade que está sofrendo os impactos da intervenção do Estado, que quer, acima de tudo, garantir sua soberania. Por meio da compreensão desses mecanismos que tornaram as cidades no que as conhecemos hoje em dia, é possível entender e problematizar as dificuldades encontradas nos *banlieues*, que serviram de estopim para os motins em 2005.

Os motins e o aparato de segurança estatal

A França conheceu, em 27 de Outubro de 2005, um agudo enfrentamento urbano que repercutiu para além de suas fronteiras nacionais: os *émeutes*⁶. Uma palavra que carece de traduções, mas que denomina os motins que se sucederam após a morte de dois jovens que fugiam da polícia, na cidade de *Clichy-sous-bois*. Após este evento, jovens cansados da repressão policial e da carência de serviços estatais, requeridos e não fornecidos a eles pelo Estado francês, decidiram mostrar sua insatisfação queimando carros, prédios e enfrentando a polícia. A grande maioria desses jovens são imigrantes oriundos de países colonizados pela França, que saíram de seus países em busca de uma vida melhor⁷.

⁶ De acordo com o dicionário dos *banlieues*, *émeutes* é a nomenclatura dada a violências urbanas, mais ou menos espaçadas, que duram alguns dias, com a exceção dos *émeutes* de 2005 que tiveram uma duração maior. (GIBLIN, 2009, p. 8).

⁷ CESARI, Joselyne. Ethnicity, Islam, and les banlieues: Confusing the Issues. *Riots in France*, Nov. 2005. Disponível em: < <http://riotsfrance.ssrc.org/Cesari/> >. Acesso em: 04 abr. 2014.

De acordo com Alain Bertho, professor de antropologia da Universidade Paris 8 e especialista no caso dos *émeutes* franceses, esses motins são um produto das desigualdades crescentes nessas periferias e da forma como esses jovens foram todos enquadrados em um espaço físico e político, no qual o discurso da classe política volta-se apenas a disciplinar e estigmatizar. De forma a conter estes acontecimentos, existe, pois, uma tendência da polícia de militarizar sua atuação e reprimir toda estratégia e tipo de ferramentas usados nesses *émeutes*.⁸

Esta análise de Bertho é confirmada pelo discurso proferido por Nicolas Sarkozy, ainda como Ministro do Interior, um mês após o estouro dos motins. O ex-presidente e ex-ministro francês deixou claro que face a todos os tipos de violência conhecidos em mais de 274 comunas francesas durante estas manifestações, sua orientação era de dar prioridade absoluta ao reestabelecimento da ordem através da interpelação daqueles vistos como culpados pelos ocorridos, com a finalidade de estabelecer justiça. Para isso, foram enviados 11.700 policiais para esses bairros. Ele concluiu que a política para a cidade se concentrou muito sobre o território e deixou de lado as expectativas dos indivíduos, bem como a necessidade de integração de muitos dos imigrantes residentes dos *banlieues*.

Os motins ocorreram no período em que a presidência da república era ocupada por Jacques Chirac (1995-2007), membro da União por um Movimento Popular⁹, candidato de centro-direita que já exercia seu segundo mandato. O estopim: a morte de dois jovens, Zied Benna (17) e Bouna Traoré (15), filhos de imigrantes africanos eletrocutados na central de energia da EDF (Energia da França) por supostamente – pois não se tem a confirmação até hoje deste fato – estarem fugindo de um controle policial¹⁰. Na ocasião, Nicolas Sarkozy teria afirmado à *TF1* (rede de televisão nacional aberta) que não seria possível ter acontecido um controle ou perseguição policial, pois os mesmos encontravam-se na delegacia vinte minutos antes do ocorrido junto com outros adolescentes que teriam sido detidos. No entanto, o jornal *Libération* desmentiu o fato, afirmando que neste mesmo dia, três controles policiais ocorriam ao mesmo tempo em lugares diferentes, e

⁸ BERTHO, Alain. Les Émeutes En Banlieue, Selon Alain Bertho: depoiment. Fev. 2012. Local de publicação: Vice. Entrevista concedida a Julien Morel. disponível em: <<http://www.vice.com/fr/read/les-emeutes-en-banlieue-selon-alain-bertho-0000068-v6n1>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

⁹ Partido francês de centro-direita fundado em 2002. (Union pour un mouvement populaire. Disponível em: <<http://www.u-m-p.org/notre-parti/nos-valeurs>> Acesso em: 01 Set. 2014.)

¹⁰ GRACIEUX, Christophe. Les émeutes dans les banlieues françaises en 2005. *Jalons*, Paris, Nov. 2005. Disponível em: <<http://fresques.ina.fr/jalons/fiche-media/InaEdu04575/les-emeutes-dans-les-banlieues-francaises-en-2005.html>> Acesso em: 25 ago. 2014.

o último teria se dado a cinquenta metros da central da EDF onde os jovens morreram eletrocutados¹¹.

Deu-se então a largada a um período de 21 dias de confrontos entre policiais e civis nos *banlieues* franceses, já que este se alastrou para outras cidades como *Toulouse*, *Rennes*, *Nantes*, *Lille*, *Le Havre*, *Soissons*, *Dijon*, *Pau* e *Estrasburgo*. No entanto, os motins não se caracterizam apenas pelo enfrentamento entre a polícia e os jovens, mas também com a queima de mais de 9.000 veículos de civis, escolas, hospitais, ambulâncias, prédios, dentre outros. Esta foi a forma que esses jovens encontraram para mostrar seu descontentamento com o Estado francês.¹² Mas, a partir do dia 8 de novembro:

[...]o primeiro-ministro Villepin decide, aplicando a lei do dia 03 de Abril de 1955, adotada durante a guerra da Argélia, decretar estado de emergência em todo território metropolitano, estado de emergência este que é depois prorrogado por um período de três meses. Os prefeitos recebem assim a autorização de estabelecer um toque de recolher se preciso. (GRACIEUX, 2005, tradução nossa).

O jornal *Libération*¹³, de orientação centro-esquerda, anunciou três dias depois que três jovens teriam sido condenados imediatamente após os acontecimentos do dia 27 de outubro de 2005. Mohammed (20), Ibrahim (27) e Nassene (27), de origem árabe, teriam sido acusados de jogar pedras, garrafas de vidro e coquetéis *molotov* nos policiais. Os jovens alegam ter defendido a mesquita do ataque de policiais, mas o que se sabe é que essa versão não foi levada em conta, e que mesmo os trinta jovens que ali estavam protestando em frente ao tribunal contra a condenação de seus colegas também não foram ouvidos¹⁴.

Alguns dias depois, responsáveis da associação mulçumana apelaram para uma marcha silenciosa, alegando que não era momento para tumultos e queima de carros em respeito aos colegas mortos.¹⁵ Durante a marcha, Hicham, habitante de *Clichy-sous-*

¹¹ Clichy-sous-bois. A savoir. *Libération*, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.liberation.fr/evenerement/2005/11/01/clichy-sous-bois-a-savoir_537553> Acesso em: 25 ago. 2014.

¹² GRACIEUX, Christophe. Les émeutes dans les banlieues françaises en 2005. *Jalons*, Paris, Nov. 2005. Disponível em: <<http://fresques.ina.fr/jalons/fiche-media/InaEdu04575/les-emeutes-dans-les-banlieues-francaises-en-2005.html>> Acesso em: 25 ago. 2014.

¹³ O jornal *Libération* foi fundado em 1973, como um jornal socialista. Hoje, é visto pelos críticos como pertencente a centro-esquerda. (MULLEN, John, 1996)

¹⁴ WALLON, Gilles. Condamnations immédiates pour trois jeunes. *Libération*, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.liberation.fr/evenerement/2005/11/01/condamnations-immmediates-pour-trois-jeunes_537552> Acesso em: 25 ago. 2014.

¹⁵ LASKE, Karl. “Pourquoi ils les ont coursés comme ça?!”: Marche silencieuse, samedi matin à Clichy-

bois, faz um pronunciamento inflamado. Ele afirma que a Companhia Republicana de Segurança, CRS, e a Brigada anticriminalidade, BAC, passaram todo o dia anterior os provocando.

A CRS foi criada pelo ex-presidente Charles de Gaulle, em 1944, para contribuir ao reestabelecimento da legalidade republicana. Ela faz parte da Polícia Nacional e são unidades móveis especializadas na manutenção da ordem.¹⁶ Já a BAC foi criada nos anos 1990 e é um serviço de polícia pertencente à direção central da segurança pública. Sua principal missão é de manter a ordem em todo território francês, especialmente nas zonas sensíveis, como as zonas das Habitações de Aluguel moderado¹⁷. Ambas fazem parte da Polícia Nacional e estão sob tutela do Ministério do Interior. As provocações dessas unidades de segurança fizeram com que os habitantes ficassem mais furiosos e prontos a continuar com os motins. Além disso, Hicham relata que com Sarkozy à frente do Ministério do Interior a polícia tem plenos poderes nos subúrbios e, assim, utilizam-se da violência e interpelam os habitantes, extrapolando limites, já que contam com o aval de seus superiores. Para Hicham, os habitantes dos *banlieues* estão em um filme americano do velho oeste, onde os policiais atiram para todo lado, mesmo por uma simples formação de multidão embaixo de seu edifício. Para os moradores de Clichy, o motivo da morte dos adolescente é claro: eles estavam fugindo de um controle de polícia e, portanto, a polícia os matou. Sarkozy afirma o contrário, no entanto, não aparece em Clichy para falar, porque não tem o que dizer¹⁸.

Não são apenas os moradores dos *banlieues* que se assustam e recriminam as atitudes e pronunciamentos do Ministro do Interior. O Ministro delegado à promoção da igualdade de oportunidades, também sociólogo, Azouz Begag, contestou publicamente para o jornal *Libération* as atitudes e as decisões de Sarkozy. Para ele, não é enviando a

sous-bois, en hommage aux deux victimes. *Libération*, Out. 2005. Disponível em: <http://www.liberation.fr/evenerment/2005/10/31/pourquoi-ils-les-ont-courses-comme-ca_537429>

16 Direction Centrale des Compagnies Républicaines de Sécurité. Disponível em : < <http://www.police-nationale.interieur.gouv.fr/Organisation/Direction-Centrale-des-Compagnies-Republicaines-de-Securite>> Acesso em: 28 ago. 2014.

17 Brigade Anti-Criminalité. Disponível em: < <http://www.police-nationale.net/bac/>> Acesso em: 28 Ago. 2014.

18 LASKE, Karl. “Pourquoi ils les ont coursés comme ça?!”: Marche silencieuse, samedi matin à Clichy-sous-bois, en hommage aux deux victimes. *Libération*, Out. 2005. Disponível em: <http://www.liberation.fr/evenerment/2005/10/31/pourquoi-ils-les-ont-courses-comme-ca_537429>

CRS aos subúrbios (mais de 400 policiais foram enviados para Clichy pela quinta noite consecutiva) que diminuirá a violência ou reestabelecerá a ordem, mas sim diminuindo a desigualdade. A análise desse especialista mostra que existe uma grande diferença entre aquilo que o Estado acha que deve fazer para acalmar a situação e o que acham os especialistas e professores. A partir da análise de Begag, percebe-se que há vozes que entendem que reprimir a população e aumentar o número de policiais os vigiando não vai mudar a insatisfação dos habitantes. Pelo contrário, esses querem que a polícia interfira menos no dia-a-dia e que pare de enxergá-los como bandidos, além de desejarem também terem oportunidades e direitos semelhantes aos franceses que não são filhos de imigrantes. Para ele, é preciso compreender que na sociedade francesa a cor da pele, o nome e a origem de um cidadão podem impedi-lo de ter o mesmo tratamento que o restante da população.

Os diversos jornais e revistas locais divergem um pouco em seu discurso ao abordarem o tema, no entanto, não conseguimos ver de fato alguma fonte que seja totalmente contra as decisões tomadas pelo governo logo após o estouro dos motins. Para a mídia, a violência praticada pelos jovens não é aceitável e deve ser reprimida. Além disso, ao se referirem às reivindicações desses jovens há um tom de não legitimidade. Ou seja, por serem filhos de imigrantes ou apenas imigrantes esses indivíduos não tem direito de exigir seus direitos perante o Estado francês. Sendo assim, isso os leva a ver esses jovens como inimigos que querem apenas bagunçar o país e causar problemas. Apesar disso, a maioria dessas fontes não escondem algumas das hipóteses para o estouro dessas violências – nomenclatura dada pelo governo aos motins.

Uma hipótese que podemos verificar em algumas dessas fontes é o discurso proferido por Nicolas Sarkozy na cidade de *Clichy-sous-bois*, onde os motins tiveram início, quando ele teria chamado os habitantes destes *banlieues* de “*racaille*”, ou escória. No dia 25 de outubro de 2005, em seu discurso na cidade de Argenteuil, no subúrbio parisiense, Sarkozy afirmou:

Vocês estão cansados, não é! Vocês estão cansados desse bando de *racailles*! Bem, vamos lhes livrar disso. [...] Estamos aqui para erradicar a gangrena [...]. Vamos fazer com que esses bairros [periferia] possam viver, que as pessoas que trabalham e acordam cedo possam viver sem ter a vida envenenada pelos bandidos, traficantes e por todo um monte de gente que não tem nada o que fazer aqui. (BRONNER, 2010, p. 163, tradução nossa).

Este é apenas um dos exemplos dentre outros discursos preconceituosos, proferidos por Sarkozy, para com os habitantes dos *banlieues*. Além disso, apesar da resistência da mídia

podemos ver que existe constantemente um questionamento sobre as motivações desses jovens para se rebelarem, que levam a maioria dessas mídias a abordar questões sociais e raciais ainda que sem a devida relevância.

A descrição dos acontecimentos em torno dos motins e das manifestações em si mostram como foi um momento importante na vida dos habitantes dos *banlieues*, gerando inflexões na visão política dos governantes sobre esses bairros. Fica evidente que seus habitantes não aceitam mais a forma como o Estado os controla e os separa, criando dia após dia um espaço maior entre a sociedade francesa e os habitantes dos *banlieues*, que em sua grande parte também são franceses de ascendência estrangeira. Acima de tudo, os motins trazem um grande questionamento sobre a política de integração dos imigrantes na França e da sua política para a cidade, instaurada através do relatório Dubedout. Os motins são de fato um alerta para a necessidade de se repensar e reformular as políticas sociais na França e, sobretudo, a forma como o Estado age sobre seus indivíduos, através de seus aparatos de segurança.

Uma forma de vigilância

Pode-se verificar, através da descrição dos motins, que o Estado francês respondeu àquelas ocorrências utilizando, a todo momento, seu aparato de segurança – decretou estado de emergência, enviou mais policiais às ruas dos *banlieues* e, sobretudo, manteve a população presa dentro desse espaço para poder assim controlá-la. Diante dessa dinâmica e tendo em vista a forma como os *banlieues* foram criados, é possível identificar nas ações do Estado francês uma série de técnicas de vigilância, monitoramento e repressão que existem desde a *sociedade disciplinar*, a partir das análises de Michel Foucault, até a *sociedade de controle*, descrita por Gilles Deleuze. Desta forma, torna-se necessário mostrarmos a transição entre essas duas ideias, para demonstrar como os elementos que caracterizam os *banlieues* franceses podem ser compreendidos por meios dessas possibilidades analíticas.

Ao analisar a dinâmica das sociedades na Europa ocidental na passagem do século XVIII ao século XIX, Foucault (2008) verifica que o poder soberano não está mais interessado em manter uma dominação de forma bruta e vertical, a fim de sustentar a ordem, como ocorria em tempos anteriores. Na chamada sociedade disciplinar, que aos poucos suplantou as sociedades de soberania no compasso da expansão do capitalismo industrial, o que passou a importar mais era a adequação dos corpos dos indivíduos às

necessidades do sistema produtivo, fazendo com o poder se exercesse de forma mais sutil e horizontal, com a disseminação de diversas técnicas de vigilância e instituições (prisão, hospital, escola, manicômio etc.) que buscavam a formação de *corpos úteis e dóceis*.

Ao analisar a transição dessa nova dinâmica social, Foucault indica que foi potencializada a intenção de implantar um gerenciamento planejado da população, o que ele chamou de *biopolítica* das populações. O biopoder atua de forma a gerir políticas relativas à vida da população, ou seja, se dirige à multiplicidade dos homens, regrando fenômenos que são próprios da vida, como as taxas de natalidade e mortalidade, condições sanitárias das cidades e níveis de distribuição, concentração e controle de determinadas doenças no seio social, com um discurso humanista de oferecer melhores condições de vida a todos, permitindo conciliar progresso e miséria como contradição inerente àquele processo.

No decorrer do século XX, verifica-se a ascensão de novas formas de agenciamento de poder, o que não significa que a *biopolítica* e a disseminação de um poder disciplinador e normalizador foram interrompidos. Segundo Deleuze (2008), o capitalismo industrial que se fortaleceu no século XIX até meados do século XX é caracterizado pela concentração da produção e da propriedade. Contudo, após meados do século XX, a lógica da concentração da produção foi constantemente superada, já que tanto as fontes de matérias-primas quanto a produção se descentralizaram. “Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é para a venda ou para o mercado. Por isso ele é essencialmente dispersivo, e a fábrica cedeu lugar à empresa” (DELEUZE, 2008, pp. 223-224). Essa sociedade de controle, seguindo a denominação de Deleuze (2008), não se reduz à intenção de manter instituições disciplinadoras que propiciem *corpos úteis e dóceis*, mas se concentra mais no investimento em inteligências produtivas, cada vez mais criativas, colaborativas e participativas, inclusive no processo de controle. Nesta sociedade há cada vez menos o interesse pela vigilância nos confinamentos disciplinares, em prol de dispositivos para o controle constante a céu aberto.

Através da análise da transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, pode-se verificar que os *banlieues* franceses são um exemplo dessa transformação. Em um espaço não murado, de confinamento aberto, o Estado francês manteve e mantém, através de dispositivos de segurança, imigrantes e franceses descendentes de imigrantes sob controle. Isso acontece pelo fato dessas pessoas serem qualificadas como indesejáveis dentro dos outros espaços das cidades e, assim, devem circular apenas nos ambientes permitidos, nos quais há aparatos necessários para controlá-los dentro das especificidades

que estes foram qualificados. A mescla de dispositivos disciplinares e de controle permite não a simples exclusão desta população, mas sim a inclusão dentro do que está previsto, ou seja, utiliza-se a força produtiva destes grupos quando necessário, mas em outros momentos eles devem estar devidamente confinados nos *banlieues*. Desta forma, os muros, as repressões policiais e as vigilâncias por meio de políticas sociais conformam-se com tecnologias georreferenciadas, senhas e cartões de acesso, de forma a garantir que a população dos *banlieues* não terão livre circulação. Contudo, isto não quer dizer que o restante da população não esteja inserido em uma sociedade de controle, apenas que os *banlieues* personificam um espaço de confinamento aberto onde a população identificada como indesejável deve permanecer.

No curso *Segurança, Território, População*, Foucault faz uma análise importante sobre uma nova forma ou dimensão de governo, denominado *governamentalidade*. Na explanação sobre a arte de governar, arte esta que corresponde à necessidade de conciliar a economia (gerir bens, pessoas e riquezas dentro da família) na forma de governo, ele afirma que:

Governar um Estado significará, portanto, estabelecer a economia no nível geral do Estado, isto é, ter em relação aos habitantes, às riquezas, aos comportamentos individuais e coletivos, uma forma de vigilância, de controle tão atenta quanto a do pai de família. (FOUCAULT, 2013, p. 413).

Diante desta afirmação, podemos fazer uma correlação entre esta arte de governar e a forma de governar os *banlieues*, pois a criação dos mesmos objetivou o estabelecimento de uma ostensiva vigilância aos seus habitantes, sob a justificativa de garantir a segurança das outras parcelas da sociedade. Os habitantes dos *banlieues* estão, portanto, submetidos à organização imposta pelo Estado e também às leis e normas que este criou.

Para se ter um ideia, a administração reconhece a existência no país de 752 zonas urbanas sensíveis (ZUS), nas quais se empilham aproximadamente 5 milhões de pessoas, na sua grande maioria franceses de origem árabe e africana, a um só tempo cadastrados nos mais diversos programas sociais compensatórios e alvo das formas mais vexatórias de vigilância e controle. Uma população, portanto, em estado permanente de sobressalto. Campo fértil para todo tipo de provocação. (ARANTES, 2014, p. 215).

O caso dos *banlieues* transforma a vigilância e controle em uma forma de segregação, já que se o indivíduo está sujeito àquele tipo de ordenação ele está também sendo impedido de se relacionar com outras parcelas da sociedade. Este ponto é notoriamente abordado por Donzelot, já que é essencial para o entendimento do círculo vicioso em que esses indivíduos estão inseridos.

Desse modo, podemos observar que o biopoder permanece sendo ativado pelos aparelhos utilizados pelo Estado para manutenção da ordem e controle dos indivíduos em nome da segurança de alguns. Contudo, deve-se lembrar que este biopoder não se efetiva apenas pela atuação do Estado, de cima para baixo, mas se dá em todas as direções, sendo exercido por toda a sociedade em nome de sua própria defesa. Neste sentido, justificam-se algumas técnicas exercidas sobre a população dos *banlieues* como forma necessária de separação da sociedade, com o argumento de acabar com os problemas sociais, econômicos e políticos que atingem diretamente a população como um todo. Assim, há uma lógica que coloca os imigrantes e seus descendentes em uma posição inferior ao restante da população francesa, a qual deve ser alvo de atenção constante, para que não ultrapasse os limites dos espaços permitidos em relação à sua presença. Em conjunto com tecnologias como as câmeras de segurança, registro de impressão digital, localização por satélite GPS, o Estado apropria-se de novas técnicas para manter o controle constante que marca a sociedade de controle, fazendo com que a vigilância contínua não impeça a extração de energia produtiva desses indivíduos, mas não permita que os indesejáveis se transformem em resistências - o que os motins mostraram ser impossível, pois nunca haverá o controle efetivo de todos.

Banlieues: um campo de concentração a céu aberto?

Os *banlieues* não se tornaram apenas uma forma de vigilância do Estado sobre os indivíduos que lá habitam, mas assimilam diversos elementos que caracterizam uma prisão. Acácio Augusto (2010) a partir dos estudos de Foucault, demonstra como esses aspectos abordados por Jacques Donzelot (2006) são característicos de uma tentativa de tornar os *banlieues* em prisões a céu aberto.

Existe uma tentativa de impedir a população desses bairros, principalmente os jovens, de cometerem atos criminosos e, para isso, procura-se uma reforma urbana que intervenha no campo assistencial, educacional e de planejamento urbano. O autor traz uma definição desses campos que podemos utilizar também para definir o que são os *banlieues*. Para Augusto:

[...] designa áreas de segregação etno-racial imposta, que funcionam para “confinar e controlar”, ao mesmo tempo em que se tornam, para seus habitantes, “um instrumento de integração e proteção. [...] (ele) duplica e reproduz a prisão, construindo um outro lugar de exclusão; usa confinamento que é análogo ao de uma instituição total que desindividualiza e estigmatiza. (2010, p. 267).

Essa descrição é a característica de uma das especificidades da proposta destes bairros, como é o caso dos *banlieues*, que têm como função conter uma parcela da população que teria sido previamente selecionada por critérios sociais e que se baseia em um pensamento de que se estes permanecerem livres, podem potencialmente se tornar perigosos. É possível perceber, através desta análise, que acima de tudo os *banlieues* são uma forma de segregação social. Eles separam essas pessoas por motivos sociais das demais parcelas da sociedade, causando um sentimento de exclusão perante estes indivíduos.

Correlativamente, segundo Paulo Arantes (2014), os *banlieues* tornam-se uma zona de não-direito na luta contra a insegurança. Para o autor, os *banlieues*, também conhecidos como:

[...]quartiers de tous les dangers [bairros de todos os perigos], [fazem com que] populações socialmente vulneráveis corram de fato o risco de se tornarem delinquentes, sendo portanto recomendável neutralizá-las antes que passem às vias de fato. É quando os amálgamas estratégicos começam a despontar, pouco importa a procedência das “categorizações”, já que a luta contra a insegurança se generalizou: uma zona urbana sensível pode repentinamente se revelar uma zona de não-direito (Numa e noutra direção jurídica), e logo uma zona de segurança, regida por uma lógica de guerra conforme vai ficando patente no modo como se militarize o vocabulário e as providencias de experts e agentes da ordem. (ARANTES, p. 218, 2014).

Como afirma Foucault (2013), essa forma de prisão é uma política criada para defender a própria sociedade contra aquilo que ela considera como insuportável. Donzelot e Acácio fazem esta ligação em suas análises, já que isso se torna um ponto essencial para compreender as motivações na criação desses bairros. Neste sentido, a criação dessa política tem por objetivo:

[...] eliminar e retirar de circulação o lixo da sociedade e opera por uma lógica de reinserção desses sujeitos edificados como anormais por meio da construção do delinquente para operacionalização do regime dos ilegalismos que retroalimentam prisão e o exercício legal de punir, corrigir e cuidar. (AUGUSTO, 2010, p. 267).

Essa exclusão é, portanto, uma forma de administrar essa parcela de indivíduos considerados indesejados através do uso da polícia, da prisão e da delinquência. Nessa lógica, um não existe sem o outro e assim formam uma “inclusão diferencial” desses excluídos.

Considerações Finais

Através da análise dos motins de 2005 na França e das especificidades que compõem a formação dos *banlieues* e a utilização estratégica destes espaços pelo Estado, pode-se verificar como a questão imigratória se torna cada dia mais um tema de extrema importância no âmbito mundial e alarmante no que tange a vida e garantia de direitos desses imigrantes. No caso específico dos *banlieues* parisienses, com o passar do tempo, os jovens imigrantes habitantes desses bairros sentiram a necessidade de cobrar do Estado tudo aquilo que esperavam que ele deveria fornecer: estudo, habitação, trabalho, saúde e, sobretudo, inserção social. Como analisa Donzelot, esses direitos acabam não sendo fornecidos pois no momento em que as cidades começam a sofrer transformações, a política instaurada leva mais em conta uma questão urbana do que social. Como consequência, priorizou-se a modernização do espaço em detrimento de uma inserção dos indivíduos em diferentes esferas da vida social, de forma a criar uma política *para* a cidade que garanta a inserção de todos os indivíduos de forma igualitária.

Através da análise da conformação dos *banlieues* e da forma como se desenvolveram os motins na França, é possível verificar como as periferias foram criadas com dois principais objetivos: excluir os imigrantes da vida cotidiana francesa e criar “prisões a céu aberto”, que permitiram o estabelecimento de um controle mais efetivo direcionado a essa população indesejada. A resposta do Estado francês aos motins é um exemplo claro dos novos mecanismos utilizados na segurança para conter aquilo que passou a representar uma ameaça.

Finalmente, observa-se, através da análise de Foucault sobre vigilância e disciplina, e a análise de Deleuze sobre sociedade de controle, que hoje o aparato de segurança demonstra a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, sem que as técnicas disciplinares tenham desaparecido. Decretar estado de emergência, instaurar toque de recolher, instalar detectores de metais nas escolas, aumentar o policiamento nas ruas, criar polícias especializadas no combate a confronto com civis, dificultar a entrada de imigrantes no país, implantar monitoramento eletrônico nas fronteiras, instalar câmeras de segurança em locais de acesso a determinados bairros, dentre outras medidas, são características que mostram o uso de elementos disciplinares misturados a técnicas de controle mais contínuo, em fluxo, como métodos de prevenção do Estado francês em relação aos motins.

Além disso, no decorrer desta análise pode-se observar a existência de racismo ou xenofobia para com os imigrantes, algo que não pode ser analisado em profundidade neste artigo, mas que se torna claro através da apreciação empírica e da própria formação dos *banlieues*, que é composto majoritariamente por imigrantes.

Ademais, é necessário ressaltar que as técnicas de segurança utilizadas pelo Estado francês, e analisadas neste trabalho, são cada vez mais utilizadas em todas as sociedades, com diferentes especificidades e intensidades, apontando para uma permanência de técnicas para a potencialização da sociedade de controle. Desse modo, estamos sujeitos às práticas de controle, e torna-se cada vez mais difícil questioná-las. Contudo, é devido lembrar que sempre existe a possibilidade da resistência. Assim, com a ampliação do alcance do aparato de segurança estatal e das diversas formas de controle e vigilância, as resistências e motins também ganham mais força, fazendo face aos controles ininterruptos que caracterizam a sociabilidade atual.

Referências Bibliográficas

AUGUSTO, Acácio (2014). *Municipalismo libertário, ecologia social e resistências*. In: *Ecopolítica*, n. 2, 2012.

_____ (2010). *Para além da prisão-prédio: as periferias como campos de concentração a céu aberto*. In: *Cadernos Metrôpole*, São Paulo, volume 12, número 23, fev. 2010.

AESCHIMANN, Eric (2005). Villepin et Sarkozy se battent aussi à Clichy. *Libération*, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.liberation.fr/evénement/2005/11/02/villepin-et-sarkozy-se-battent-aussi-a-clichy_537573> Acesso em: 25 ago. 2014.

ARSENAULT, Claire (2014). Emeutes: 10 expulsions imminentes. *Rfi*. Nov. 2005. Disponível em: <http://www1.rfi.fr/actu/fr/articles/071/article_39853.asp> Acesso em: 25 ago. 2014.

ARANTES, Paulo (2014). *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo.

BERTHO, Alain. Les Émeutes En Banlieue, Selon Alain Bertho: depoiment. Fev. 2012. Local de publicação: Vice. Entrevista concedida a Julien Morel. Disponível em: <<http://www.vice.com/fr/read/les-emeutes-en-banlieue-selon-alain-bertho-0000068-v6n1>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

BRONNER, Luc (2010). *La Loi du Ghetto: Enquête dans les banlieues françaises*. Paris: Pocket.

CESARI, Joselyne (2014). Ethnicity, Islam, and les banlieues: Confusing the Issues. *Riots in France*, Nov. 2005. Disponível em: <<http://riotsfrance.ssrc.org/Cesari/>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

Clichy-sous-bois. A savoir. *Libération*, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.liberation.fr/evénement/2005/11/01/clichy-sous-bois-a-savoir_537553> Acesso em: 25 ago. 2014.

CHOMA, Jefferson (2014). Protesto com 120 mil jovens incendeia a França. PSTU. Mar. 2006. Disponível em: <<http://www.pstu.org.br/node/11447>> Acesso em: 1 set. 2014.

COMILING, Karl S.; SANCHEZ, MARIE, Rachel Joyce Marie O. A Postcolonial Critique of Amartya Sen's Capability Framework. *Perspectives in the Arts and Humanities Asia*. Vol. 4, No. 1, 2014. Disponível em: <<http://journals.ateneo.edu/ojs/apah/article/view/AP2014.04101>>. Acesso em: 10 out. 2014.

DELEUZE, Gilles (2008). *Conversações*. Tradução Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34.

DONZELOT, Jacques (2006). *Quand la ville se défait : Quelle Politique face à la crise des banlieues?* Paris: Éditions du Seuil.

FOUCAULT, Michel (2013). *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal.

_____ (2008). *Segurança, Território, População*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

GIBLIN, Béatrice. *Dictionnaire des Banlieues*. Espanha: Larousse, 2009.

GRACIEUX, Christophe (2005). Les émeutes dans les banlieues françaises en 2005. *Jalons*, Paris, Nov. 2005. Disponível em: <<http://fresques.ina.fr/jalons/fiche-media/InaEdu04575/les-emeutes-dans-les-banlieues-francaises-en-2005.html>> Acesso em: 25 ago. 2014.

LASKE, Karl (2014). “Pourquoi ils les ont coursés comme ça?!”: Marche silencieuse, samedi matin à Clichy-sous-bois, en hommage aux deux victimes. *Libération*, out. 2005. Disponível em: <http://www.liberation.fr/evenerment/2005/10/31/pourquoi-ils-les-ont-courses-comme-ca_537429> Acesso em: 10 out. 2014.

Manifestação de jovens evidencia esgotamento do pacto social francês. *Ação Educativa*, São Paulo, Abril. 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/cultura/80-cultura/109-espaco-de-cultura-e-mobilizacao-social>> Acesso em: 25 ago. 2014.

MANSANO, Sonia Regina Vargas (2009). *Sorria, você está sendo controlado: resistência e poder na sociedade de controle*. São Paulo: Summus.

MACIEL, Tadeu M (2011). *Controle e participação nas novas políticas sociais: o caso Pró-Social*. 170 f. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011.

MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR. *Discours Devant les Prefets*. Disponível em: <<http://www.interieur.gouv.fr/Archives/Archives-de-Nicolas-Sarkozy-2005-2007/Interventions/28.11.2005-Discours-devant-les-prefets>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

MULLEN, John (1996). Libération ou intégration. *Socialisme Internationale*. 1996. Disponível em: <<http://revuesocialisme.pagesperso-orange.fr/Liberation.html>> Acesso em: 01 Set. 2014.

ROTMAN, Charlotte (2014). On ne rétablira pas l'ordre avec plus de CRS. *Libération*, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.liberation.fr/evenerment/2005/11/01/on-ne-retablira-pas-l-ordre-avec-plus-de-crs_537555> 25 ago. 2014.

Sarkozy en Banlieue. Disponível em: <http://www.saphirnews.com/Sarkozy-en-banlieue_a6538.html> Acesso em: 01 out. 2014.

Union pour un mouvement populaire. Disponível em: <<http://www.u-m-p.org/notre-parti/nos-valeurs>> Acesso em: 01 set. 2014.

WACQUANT, Loic (2006). *As Duas Faces do Gueto*. Tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo.

WALLON, Gilles (2005). Condamnations immédiates pour trois jeunes. *Libération*, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.liberation.fr/evenerment/2005/11/01/condamnations-immmediates-pour-trois-jeunes_537552> Acesso em: 25 ago. 2014.